Gn 3 e as relações de gênero dentro do patriarcado

Vânia Moreira Klen

Parece-nos estranho que, às portas de um novo milênio, com tanto avanço tecnológico e novas relações sócio-econômicas, ainda conservemos quase intacto o mesmo conceito teológico a respeito do mito da criação, da gênese do universo e da humanidade, que se encontra nos capítulos 1 a 3 do livro do Gênesis.

É lógico que, quando nos referimos à teoria da evolução de Charles Darwin, conseguimos relativizar uma sustentação científica do testemunho de fé que encontramos na Bíblia. Porém, quando falamos sobre as relações de gênero no Ocidente cristão, especialmente sobre a sexualidade humana e o papel da mulher na sociedade, estacionamos na mesma "equação": Eva + serpente + "maçã" + desobediência = pecado.

A moral heterossexual masculinamente centrada parece encontrar nessa "equação" o respaldo para o controle da sociedade e do comportamento sexual. A cultura cristã condicionou o pecado aos prazeres sexuais, à sedução e à malícia do corpo feminino. Logo, sexo e prazer representam fontes de poder que devem ser controladas e adequadas às relações sociais dominantes.

O que tem a ver a "queda" do ser humano relatada em Gênesis 3 com as nossas relações de gênero?

O livro do Gênesis foi provavelmente compilado durante o império davídico-salomônico (séc. X-IX aC) . É resultado de tradições literárias oriundas de diversas partes. O gênero narrativo de Gn 2 e 3 é enquadrado entre as sagas etiológicas, tendo como meta esclarecer as origens e as causas de algo existente, seja um fator moral, natural, social, cultural ou político. Os capítulos Gn 2,4s e 3 nos apresentam uma narração de contrastes: o paraíso oferecido e o paraíso perdido.

O mundo descrito no Antigo Testamento indubitavelmente é androcêntrico e patriarcal. Mitos a respeito da origem do mal que foi introduzido no mundo pela mulher eram freqüentes no Oriente Antigo. Porém, o texto em questão nos deixa curiosas a respeito do papel da mulher. Se olharmos com atenção Gn 2 e 3, parece que há uma imagem anterior ou mais antiga da postura da mulher na sociedade e uma posterior, ou seja, a de uma mulher subjugada ao marido (Gn 3,16). É a mulher que está discutindo com o poder sagaz da serpente sobre quais são as ordens de Deus, o que se pode fazer e o que não, o que deve ser ponderado dentro do "paraíso". Isso pode nos remeter a atuações femininas na sociedade, que divergiam do papel que, segundo as concepções do reinado patriarcal, deveria ser desempenhado pelas mulheres.

Hoje sabemos que uma das maiores marcas do patriarcado foi reduzir o mundo feminino à esfera do privado, do doméstico, enquanto cabia ao homem a montagem do público, dos regulamentos e normas para a formação das sociedades. Assim, formou-se a crença de que a exclusão da mulher da vida pública e/ou religiosa era uma norma histórica da humanidade. Existem limites claros apresentados às mulheres dentro da mentalidade patriarcal espelhada na Bíblia.

Ao escolher e trabalhar com mitos antigos, a escola Javista resgatou para o seu presente um processo histórico que pode ter visto a transição de uma sociedade matrilinear ou mista, para um sistema patriarcal – o reinado.

Num primeiro plano, a mulher é colocada frente à serpente, símbolo de um poder que supomos já ser conhecido, pois não há nenhuma reação de surpresa ou suspeita a esse réptil. Considera-se a possibilidade de que a tradição Javista leia o mundo à sua volta a partir da idéia de que o povo de Israel é o único escolhido e ungido por Javé, estando todos os outros povos, por mais sagazes que fossem, na situação de animais selváticos diante do Criador.

A mulher trata de deixar claro qual foi a recomendação divina, revelando-se inteirada das normas que regulamentavam a vida no Éden. Há nesse trecho, de acordo com as nossas suspeitas, uma confrontação de modelos sociais diferentes. Parece-nos que a mulher está acostumada a uma sociedade de cuja organização ela participa ativamente, tendo um vasto poder de interferência no âmbito público. A transformação dessa sociedade matrilinear e/ou mista para um modelo patriarcal, alheio à experiência tribal, poderia estar representado na proposta da serpente.

A história da pesquisa e da hermenêutica bíblica nos tem mostrado a tendência de fixar uma linha vermelha para a leitura desse texto. Na maioria das vezes, as interpretações atribuem à mulher o desequilíbrio cósmico e a introdução do pecado no mundo. Somente pesquisas mais recentes têm apontado para a participação do homem, claramente subentendida na utilização de verbos no plural, como, por exemplo, em Gn 3,2 (*nokel* = comemos), e pela presença do marido/homem, no v. 6. As tendências clássicas de interpretação ainda culpam as mulheres por este desequilíbrio, afirmando que elas são passíveis à sedução, facilmente enganadas e que tomam posturas desastradas. Logo, as relações de domínio entre os gêneros masculino e feminino, o domínio androcêntrico dos meios de produção e do poder público associado à sociedade patriarcal, são normativos a todas as sociedades. A submissão da mulher ao homem e a lógica do patriarcado são conseqüências da desobediência consumada pela mulher: ela colocou toda a humanidade contra a vontade divina.

Será o texto de Gênesis 3 misógino?

Apesar da mentalidade patriarcal que perpassa os textos, Gn 2 e 3 nos apresentam algumas suspeitas sobre a validade desse tipo de organização social. Se tomarmos Gn 2,4–3,24, podemos notar a seguinte dinâmica: há a apresentação de uma sociedade

onde a interação Deus/humanidade/animais e plantas é pacífica. Somente em Gn 2,22 constataremos uma diferença entre homem e mulher. Até este ponto, o ser humano estava representado por *ha'adam*, não havendo distinção entre os gêneros. No v. 24 de Gn 2, temos pela primeira vez a utilização da palavra *'ish*, que é comumente usada para designar o gênero masculino ou o *status* social de um homem casado. Aqui já não há um sentido inclusivo de homens e mulheres. Porém, o v. 24 nos possibilita a hipótese de uma tradição tribal matrilinear, pois a condição de o homem deixar pai e mãe para se unir à sua mulher tem sentido em uma sociedade em que a mulher detivesse os direitos de herança e descendência. As sociedades matrilineares se caracterizam pelo fato de a herança e a descendência do grupo estarem centradas no feminino, dando às mulheres maior mobilidade social, domínio sobre sua vida privada e maior participação na vida pública. Assim, podemos supor que algumas tribos judaicas poderiam ter experimentado uma relação social não-patriarcal, que estaria dentro dos planos primários de Deus. A sociedade apresentada após Gn 3,7 é desajustada, as normas de convivência são rígidas e o poder repressivo se reforça através da subjugação de um gênero sobre outro (v. 16). O patriarcado assume toda e qualquer forma de organização social. É algo externo ao plano de Deus para a humanidade.

Assim, em Gn 2 e 3 poderíamos estar lidando com uma comparação entre uma estrutura matrilinear que se transforma ou é transformada, por um poder estrangeiro, em um rígido modelo patriarcal. A convivência entre homens e mulheres bem como sua relação com o meio ambiente tornam-se relações de domínio e exploração. As normas solidárias e flexíveis dão lugar a uma hierarquia fixa e absoluta que desqualifica a própria soberania de Javé.

A desigualdade social, a divisão social e sexual do trabalho e a dominação de um gênero sobre o outro são as normas que regem essa nova sociedade. Aparentemente, o novo rumo da história já havia sido experimentado pela serpente. O texto aponta para a estrutura social do reinado e suas diversas facetas de se apresentar como uma determinação divina para a sociedade onde o homem manda. Javé está subentendido nas palavras da serpente e na colocação da mulher, mas no agir, em verdade, torna-se um Deus esquecido, miscigenado com as outras divindades, um poder questionável e substituível. O processo histórico que acabou com a diversidade tribal dentro do antigo Israel afastou o povo eleito de seu Criador e solidificou um patriarcalismo que distorceu a intenção solidária do paraíso.

A importância da reinterpretação da mulher e do homem dentro desse contexto não é simplesmente o exorcismo do eterno mito da mulher como tentadora e do sexo como pecado, mas a busca por transformações que revertam este processo de destruição, exploração, segregação e desumanização que estamos vivendo. Necessitamos de uma nova mulher e um novo homem que resgatem os valores da solidariedade e que desafiem as estruturas desse sistema patriarcal competitivo. Através da Bíblia, vemos a crítica a esses poderes absolutos que querem afastar-nos dos projetos de Deus. Gênesis 2 e 3 nos colocam que a utopia do projeto salvífico de Deus é uma alternativa viável e concretizável dentro da história da humanidade.

Bibliografia

BIBLIA HEBRAICA STUTTGARTENSIA. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1967/77.

ELIADE, Mircea (ed). *The Encyclopedia of Religion*. V. 13 e 15, New York: Macmillan Publishing Company, 1987, 554/598 p.

BRUEGGEMANN, W. & WOLFF, H.-W. *The Vitality of Old Testament Traditions*. Atlanta: John Knox Press, 1975.

CIMOSA, M. Gênesis 1–11. *A Humanidade na sua origem*. Pequeno Comentário Bíblico do Antigo Testamento, São Paulo: Paulinas, 1987, 132 p.

GOTTWALD, Norman K. *Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica*. São Paulo: Paulinas, 1988, 639 p.

HOOK, S.H. (ed). *Myth, Ritual and Kingship. Essays on the Theory and Practice of Kingship in the Ancient Near East and Israel*. Oxford: Clarendon Press, 1958, 301 p.

MURARO, Rose Marie. *A mulher no Terceiro Milênio*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992, 205 p.

NEUBERGER, Julia. "Woman in Judaism: The Fact and Fiction", in HOLDEN, Pat (ed). *Women's Religious Experience*. London/Canberra: Croom Helm Barns/ Noble Books, 1983, 205 p.

TRIBLE, Phylis. *God and the Rhetoric of sexuality*. Philadelphia, Fortress Press, 1978, 205 p.

Vânia Moreira Klen
Caixa Postal 43
95180-001 Farroupilha, RS